

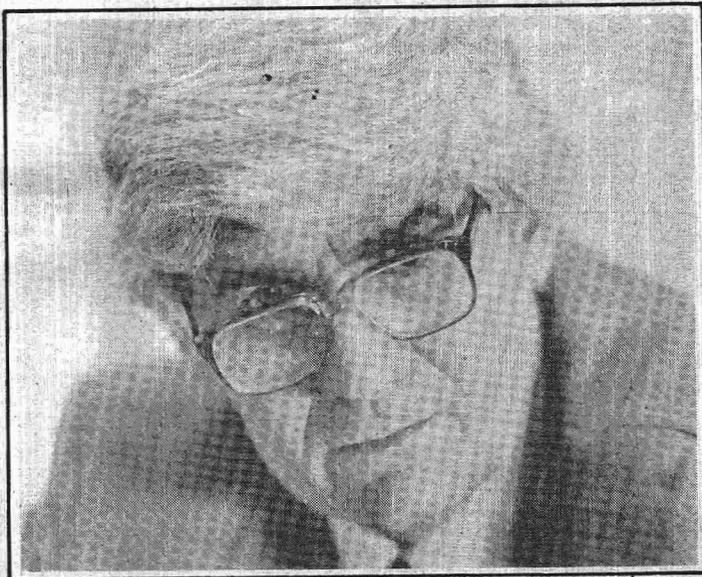
Na Ceilândia, propostas e respostas práticas à cultura

A hora é de arregaçar as mangas e colocar a mão na massa. Pelo menos foi isso que os artistas da Ceilândia propuseram ao maestro Marlos Nobre, durante o **Fala Satélite** realizado naquela cidade, na última quarta-feira, no Ginásio do Quarentão. Foi um dos mais organizados encontros entre a classe cultural e o diretor-executivo da Fundação Cultural do Distrito Federal, que acabou com muita música. Os artistas mostraram parte de seu trabalho e tentaram, com isso, sensibilizar a administração da entidade para responder positivamente a suas reivindicações. Ao que tudo indica, conseguiram.

O maestro Marlos Nobre — que está participando de encontros com a classe cultural de todas as satélites — saiu da reunião na Ceilândia com a certeza de que, apesar de ser uma das mais carentes, a cidade possui um dos mais organizados movimentos culturais do Distrito Federal. É ele quem diz: “Foi uma reunião muito positiva. Em lugar de fazerem uma série de queixas, os artistas e animadores culturais de Ceilândia levantaram, anteriormente, seus maiores problemas e acabaram propondo projetos à Fundação Cultural. Agora, o que pedi a eles é que façam reuniões para quantificar os custos de cada atividade. Só assim, saberemos qual será a verba necessária para viabilizar globalmente os projetos”.

O encontro na Ceilândia foi também um dos que reuniu mais integrantes da classe cultural — mais de 80 pessoas, entre artistas, técnicos, animadores culturais e o próprio administrador regional da satélite, Clarindo Rocha. Aliás, o **Fala Satélite** acabou por aproximar os artistas e a administração, que se comprometeu a auxiliar no atendimento de algumas reivindicações.

O maestro saiu do Ginásio do Quarentão — praticamente o único espaço cultural da Ceilândia — com um documento elaborado pela classe cultural de baixo do braço. Nele, os artistas



Marlos Nobre está entusiasmado com o povo da Ceilândia: “Eles são os mais organizados”.

apresentavam um relatório do **I Seminário de Arte e Cultura da Ceilândia** e faziam propostas de ocupação dos espaços culturais da satélite, de ação cultural e de um calendário cultural anual. A classe deseja o acabamento de parte de um centro cultural que

começou a ser construído no auge do Plano Cruzado (mas que foi enterrado com a queda da primeira euforia deste) e possui espaços que podem ser aproveitados. E também a construção de cinco pequenas salas dentro do Quarentão para serem usa-

PROXIMOS ENCONTROS DO FALA SATÉLITE

Reunião: Hoje, às 20 horas
Local: Auditório da Administração Regional de Planaltina
Avenida XVII — Setor Administrativo (ao lado da Rodoviária)
Reunião: Amanhã, às 15 horas
Local: Auditório da Administração de Brazlândia
Area Especial 4 — Setor Tradicional
Reunião: 2ª feira às 20 horas
Local: Auditório da Administração Regional do Núcleo Bandeirante
3ª Avenida — Praça Central
Reunião: 3ª feira às 20 horas
Local: Auditório da Administração Regional do Guará Area Especial — CAVE

das em oficinas e ensaios. O administrador Clarindo Rocha se comprometeu a ajudar a Fundação Cultural nisso.

Do maestro, os artistas ouviram promessas de reativar o **Círculo Satélite** (que leva atrações a uma turnê pelas nove satélites do DF), abrir um salão permanente de artes plásticas no próprio Quarentão e realizar oficinas para formação de técnicos e aperfeiçoamento do trabalho de artistas, a partir de utilização do pessoal de dentro da Fundação Cultural. Assim, o ator/diretor/coreógrafo Hugo Rodas poderá ir à Ceilândia e passar seus conhecimentos a quem queira ser ator. O artista plástico Valdir Jagmin dará noções de pintura e o programador cinematográfico José Damata fará reuniões com os cineclubistas. Tudo ainda são propostas, mas a custo zero.

Depois de receber dos poetas o livro **Ceilândia — Grita Poesia** (editado com material de fundo de quintal), o maestro Marlos Nobre também lançou a ideia de que os escritores da satélite fizessem propostas de edição à Fundação Cultural do DF. Dai, os livros seriam publicados com material da gráfica da entidade. E também propôs que se criassem, com os instrumentos básicos, centros de serigrafia em todas as cidades-satélites. “As ideias estão no ar, o problema é viabilizá-las”, explica o maestro.

Apesar de tudo, o diretor-executivo da Fundação Cultural foi enfático ao afirmar que a entidade não pretende “paparicar” os artistas da Ceilândia só por serem de uma cidade carente. Para que qualquer coisa aconteça, é preciso que tenha qualidade. “Não vamos sonhar com coisas maravilhosas e sim adaptar os projetos ao que já se tem. Temos que manter os pés no chão” — avisa Marlos Nobre. “No entanto, faço um apelo às empresas privadas no sentido de ajudarem. Temos uma responsabilidade muito grande com estas áreas que estão querendo fazer um trabalho positivo e emergente”.